

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***JOSÉ CELANO VALADÃO***  
**(Entrevista)**

## **Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques

Entrevistado – José Celano Valadão (JV)

Entrevistadores – Alex Varela (AV) e Dilene Raimundo do Nascimento (DN)

Data – 25/08/2006

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 1h50min

Transcrição – Maika Lois Carocha

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

VALADÃO, José Celano. *José Celano Valadão. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 22p.

Data: 25/08/2006

### **Fita 1 - Lado A**

DN – Vamos dar início a entrevista com José Celano Valadão para o projeto “História da criação da Escola de Medicina Sousa Marques”. Hoje são 25 de agosto de 2006. Nós estamos no Rio de Janeiro e os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Alex Varela. Bem, doutor Celano a gente gostaria de saber então, sobre a sua vida, sobre a sua família, seus amigos, quando nasceu.

JV – Bom, nasci no Rio de Janeiro em 1949. Minha família é uma família de classe média. Minha mãe de família italiana e meu pai com uma descendência longe de família portuguesa. Mas, uma família de classe média. Meu pai era militar reformado, da polícia militar. Minha mãe dona de casa.

DN – Ela nunca trabalhou fora?

JV – Nunca trabalhou fora.

DN – Vocês moravam em que bairro?

JV – Em princípio no bairro em que eu nasci porque eu nasci em casa, em Engenho da Rainha, perto de Pilares, Del Castilho, naquela região. Mas, muito cedo, acho que com uns 5 anos de idade, eu fui morar no Grajaú e foi lá que eu cresci. A infância e adolescência até a faculdade foram no Grajaú.

AV – Aonde você estudou?

JV – Estudei já no Grajaú. Eu sempre estudei em escola pública. Desde o primário até a faculdade estudei em escolas públicas.

DN – Tinha no horizonte assim, estudar em escola particular nessa época?

JV – Não. Não tinha porque... Que eu me lembre não tinha. No primário estudei em uma escola bem pertinho de casa. Depois já pude escolher. Estudei no Colégio Visconde de Cairu, no Méier. Então, tinha uma proximidade com o Grajaú, mas, eu escolhi esse colégio porque já ouvia falar dele através de amigos. Na época, tinha que fazer uma prova para entrar nas escolas do estado. Se você me perguntar porque fui para lá, eu não me lembro, mas, teve uma motivação. Depois tinha uma coisa chamada admissão, era 1 ano de admissão para passar para o ginásio, eu acho. Esse ano estudei em escola particular. E aí, a motivação foi a seguinte: meu irmão já estava nessa escola particular. Do Visconde de Cairu fui para o cursinho pré-vestibular Miguel Couto.

DN – Você fez cursinho?

JV – Fiz.

DN – Você fez o ano todo? Junto com o terceiro ano ou fez depois de passado o terceiro ano?

JV – Fiz junto com o terceiro ano. O terceiro ano era a noite no Visconde de Cairu.

DN – Você fez o ginásio e o científico no Visconde de Cairu?

JV – Isso, no Visconde de Cairu. Eu fazia pela manhã o curso Miguel Couto também no Méier e a noite o colégio. A minha vida escolar mais marcante foi no Méier.

DN – Quando você foi fazer o Miguel Couto já foi pensando no vestibular para medicina?

JV – Sim. Porque inclusive naquela época o Miguel Couto era um curso só para quem ia fazer medicina. Tinham alguns cursos pré-vestibulares que eram específicos para medicina, outros só para odontologia, outros só para direito. Eu fui para o Miguel Couto exatamente porque era para Medicina.

AV – Por que medicina?

JV – Aí, é uma pergunta difícil. Por que medicina? É interessante porque nunca houve médicos na minha família. Eu fui o primeiro, depois a minha irmã. Minha irmã também é médica, mas, ela vem depois de mim. Eu não sei assim precisar porque a medicina, mas, tinha alguma coisa na questão de cuidar das pessoas. Eu achava muito bonito isso. Eu tinha algumas imagens dos médicos. Eu lembro que quando eu ia nas doenças assim de criança. Meu pai e minha mãe me levavam nos médicos e eu via aquelas figuras de branco, senhores. Naquela época, médicos eram muito respeitados. Hoje já nem tanto. Era uma coisa que me chamava à atenção. Não sei te dizer exatamente por quê. Toda vez que eu me deparava com aquela imagem dos homens de branco, normalmente senhores e assim aquelas pessoas da meia idade, 40, 50 anos. Aquilo para mim era... Imagina para mim, uma pessoa de 50 anos era um velho. Hoje, eu estou com 57 e sou um jovem. Então velho para mim já está bem distante, bem longe disso. Outra coisa era a questão do cuidado porque eu via como eles cuidavam, a atenção que eles davam e tudo né?. Isso talvez isso seja mais raro, essa atenção, esse cuidado que eles davam, não só a mim que era o doentinho que estavam levando mas, a ela. Depois, eu fui uma criança muito frequentadora de médicos desde cedo e de prontos socorros desde muito cedo.

DN – Por quê?

JV – Porque eu era uma criança muito levada e me acidentava frequentemente. Era fratura no braço, na perna (risos). Eu ia sempre no pronto socorro Salgado Filho no Méier e alguns plantonistas já falavam: hi, já vem ele de novo. Esse ambiente... Na minha formação de médico. Para você ver como são as coisas. Muita frequência a pronto socorro me levou talvez. Eu nunca parei para pensar muito nisso, estou pensando agora. Eu nunca gostei muito de hospital. O exercício da medicina para mim passava ao longe de estar em hospital. Acho que eu nunca quis ser médico de hospital. Um médico de pronto socorro, um intensivista, nada nessa era. Já naquela ocasião a minha ideia era de um médico de consultório. Aí já era o caminho de médico de consultório. Mas, ainda assim você vê que é uma motivação muito simplória. Eu não tinha muita noção do que era a medicina, até do que era o cuidar. E não tinha muita noção do que era, mas era uma imagem que eu achava bonita.

DN – Em termos de opções na época como carreira, tinha-se o que?

JV – Tinha-se justamente engenharia, odontologia e direito. Os campos que tinham eram esses e medicina. Tinha uma outra motivação também de (?) pessoal porque sempre foram muito complicadas para mim as áreas de exatas. Matemática, essas coisas eu fugia então engenharia. Direito também era uma coisa que não me atraía. Odontologia embora também fosse da era da saúde também não me atraía. Também por aí, sobrava medicina somando com aquela idéia que eu fazia dos médicos.

DN – E em relação a amigos? Quem eram os seus amigos? Você era uma pessoa de muitos amigos?

JV – Não de muito amigos, mas de alguns. Alguns eram muito próximos. Não de muitos amigos porque eu sempre fui uma pessoa muito tímida. Uma criança muito tímida. Apesar de eu brincar muito porque se brincava muito na rua naquela época. Não era como hoje, a gente brincava na rua e juntava a criançada ali da rua. A gente jogava bola, soltava pipa. Mas, era um grupo relativamente pequeno e eu brincava sempre com os mesmos e isso levava a uma proximidade muito grande, a uma intimidade e esse padrão foi mesmo até p ginásio, o científico. Eu tinha um grupo de amigos no Visconde de Cairu que não era muito grande, mas, eram amigos que também ficaram muito próximos. Nomes que eu lembro até hoje, situações.

AV – Me diz uma coisa. Você durante o tempo em que você chama de ensino médio. Você era envolvido em movimento estudantil ou você já tinha alguma filiação política?

JV – Não, não tinha nenhuma.

DN – Você vivenciou alguma situação em que você tomou a liderança? Em que você teve alguma ação em que você mudasse o curso da situação?

JV - Não, não até aí. Até esse período de estar fazendo o cursinho pré-vestibular, eu não tinha nenhuma participação política em nenhum movimento. Nunca estive engajado em nada.

DN – Nas brincadeiras você se fazia de dono da bola?

JV – Não. Pelo contrário, eu era muito tímido. Eu sempre me colocava em uma posição mais reservada. Em geral, eu era chamado para compor o time. Eu não me apresentava para o time. Até em algumas situações, eu ficava torcendo para não ser chamado, mas, como eu era do grupo sempre tinha uma vaguinha. Eu sempre ficava reservado, nunca assumi uma liderança. Eu não tinha essa coisa na cabeça. O primeiro movimento que eu fui me engajar mesmo foi o movimento dos excedentes em 69. Bom, mas não tinha nada político que mexeu com você alguma vez? Você disse. Teve sim. O meu pai, apesar de militar de... Em 1964, no golpe de 64, ele já estava aposentado, chama-se reformado. Ele se reformou em 1959.

DN – Ele se reformou por alguma doença?

JV – Por tempo de serviço. Ele teve uma vida muito sofrida. Meu pai era do Rio Grande do Norte, veio para o Rio de Janeiro muito cedo, me parece que com 5 anos de idade. Perdeu o pai com 5 anos de idade, perdeu a mãe com 9 anos e foi criado pela irmã mais velha. Uma vida muito sofrida dele e dos irmãos e foi a irmã mais velha que criou a todos.

DN – Quantos eram?

JV – Acho que uns 7, 8 e ele era o caçulinha. Até.. Ele entrou na polícia militar. O marido dessa irmã que o criou era da polícia militar e mexeu uns pauzinhos para ele ser admitido na polícia militar. Era uma opção de emprego na época. Não tinha grandes estudos e precisava trabalhar. Apareceu uma brecha de entrar na polícia militar e ele foi estudar lá. Fez curso de cabo, sargento, essas coisas. Chegou a tenente. Quando ele se reformou, se reformou como primeiro tenente. Mas, ele felizmente tinha se formado em 59, antes do golpe porque ele era muito legalista e era.. Ele tinha uma posição muito getulista. Era getulista, trabalhista, era Brizola. Votava no Brizola e gostava no governo João Goulart e ele era uma pessoa que falava, não era uma pessoa...

DN – Falava sobre as posições dele?

JV – Isso, embora, não tivesse uma ideologia, nenhuma formação ideológica. Ele tinha aquilo que era o sentimento dele que era o sofrimento do povo e da vida dele sofrida. Ele tinha esse sentimento e ele expressava isso. Do ponto de vista de apoio político aos políticos da época, ele seguia essa vertente de João Goulart, Brizola. Ele até morrer em 2000 com 84 anos era Brizolista ferrenho. Ele dizia que votaria no Brizola para qualquer coisa até para síndico do edifício (risos). Então, em 1964, quando houve o golpe, eu me lembro que eu tinha 15 anos de idade. O meu pai ouvia todas as noites a rádio Maricky Veiga. Que é do Rio sabe disso. A rádio Marycki Veiga fazia umas transmissões clandestinas quando o Brizola já estava.

DN – Exilado?

JV – Não, ainda não estava no Uruguaí exilado, mas, estava no Rio Grande do Sul clandestino. Essa rádio, não me lembro se eram todas as noites transmitia esse programa e nós ouvíamos baixinho para os vizinhos não ouvirem porque o golpe estava instalado. Eu me lembro que com 15 anos eu sentava. Era um rádio (?), era um móvel, o toca discos saía de uma gaveta. Então, era esse móvel e os auto falantes ficavam em baixo e eu sentava no chão e ficava colado nos auto falantes ouvindo o Brizola falar. E ele falava essas coisas que a gente conhece. Meu pai ficava sentado na cadeira e eu no chão. Ficava só eu e ele. Minha mãe não ouvia, minha irmã era muito novinha e o meu irmão embora mais velho não tinha essa ligação.

DN – Você só tinha um irmão e uma irmã?

JV – Isso. Então, foi o primeiro contato meu com algo que me chamou atenção para a política e para um lado da política. Isso, eu acredito que tenha sido uma coisa marcante para em um momento futuro eu seguir um caminho embora, nada de forma deliberada, mas, eu acho que isso foi uma influência. Meu primeiro contato com a política mais direto foi nesse tipo de situação. Isso foi em 1964. Quando eu fui fazer o vestibular.

DN – Você fez o Miguel Couto em 1968?

JV – Em 1968, 4 anos depois. Fiz o pré-vestibular no ano de 1968 e aí fico excedente nesse vestibular. Mas, 1968 a gente não pode esquecer. Eu estava fazendo Miguel Couto, mas, tem a passeata dos cem mil, tem aquele episódio do Calabouço. Embora, eu não

tivesse uma relação muito direta eu estava já no ambiente do curso pré-vestibular que já estava me chamando para alguma coisa. Eu tinha notícias do Movimento estudantil então, quando eu fico excedente.

DN – Qual foi o sentimento, a sensação que você. Porque certamente você fez também para as outras faculdades que existiam na época.

JV – Não. Só fiz Medicina e Cirurgia.

DN- Só fez Medicina e Cirurgia! Por quê?

JV – Como é que eu vou te explicar isso.

DN – Tinha a UERJ, a Nacional, a UFF.

JV – A UERJ tinha uma coisa que eu não sei. Eu não gostava muito. Tinha na época, acho que era preconceito, se falava que a UERJ era uma faculdade mais da elite.

DN – Mas, era mesmo.

JV - Isso era uma coisa que eu não recebia bem. Tinha a Nacional que era na Praia Vermelha ainda e tinha a Medicina e Cirurgia.

DN – E a UFF.

JV – É, mas a UFF era longe, era lá em Niterói. Eu tinha mais essas duas ou Nacional ou Medicina e Cirurgia. Não me lembro bem, mas acho que as provas foram em um mesmo dia.

DN - Isso, coincidiu uma prova.

JV – Eu não tenho muita recordação disso, mas, algo fez com que eu tivesse de optar entre uma e outra. Optei pela Medicina e Cirurgia. Poderia ter optado pela Nacional não foi uma coisa. Foi alguma coisa que eu não sei dizer hoje que me fez optar pela Medicina e Cirurgia. Felizmente, hoje eu digo que foi uma opção legal. E aí foi isso, fiz a Medicina e Cirurgia e fiquei excedente.

DN – Qual foi o seu sentimento quando você viu o resultado da prova? Até porque pelo que você está dizendo, você jogou as suas fichas em um vestibular, em uma faculdade só.

JV – A princípio, o primeiro sentimento foi de frustração, de decepção. Pensei: puxa, vou ter que fazer outro ano de cursinho e esse cursinho era pago. Meu pai pagou.

DN – Reclamando?

JV - Não, não. Isso era uma coisa que o meu pai, ele fazia questão. O que ele pudesse fazer para que os filhos estudassem. Ele dizia: eu não pude estudar, mas os meus filhos o que eu puder fazer para que estudem. O que quiserem estudar terão o meu apoio. Eu e minha irmã fizemos tanto do primário até a faculdade em escolas públicas. Meu irmão fez a maior parte em escola particular mas, o meu pai bancou sempre e os cursinhos pré

vestibular tanto meu quanto o da minha irmã ele bancou tudo. Ele dizia que era um investimento para o futuro, queria os filhos estudados e não iguais a eles. E então, ficou aquela coisa. Puxa, vou ter de fazer de novo. Mas, aí surgiu. Foi um chamado, não me recordo muito bem, mas acho que do diretório acadêmico da faculdade. Parece que convocaram uma reunião dos chamados excedentes e eu fui nessa reunião e parece que o pessoal na época, do diretório acadêmico, Carlinhos, Tuninho entraram em contato com a direção da faculdade, o sr, Meirelles e tinha um outro professor, o Alcântara. Ele era da Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara que depois virou Fefierj quando unificou o estado e depois UniRio quando virou universidade. Então, eu acho que o diretório acadêmico ficou sabendo dessa possibilidade de abertura de vagas no ano seguinte e aí, eles chamaram uma reunião dos ditos excedentes e eu fui nessa reunião, lá na Faculdade de Medicina e Cirurgia.

DN – Você acha que essa foi a primeira reunião que teve?

JV – Não sei te dizer se a que eu fui foi a primeira ou não. Aí, eu tomei conhecimento que estava iniciando um movimento no sentido de se abrirem vagas na própria Medicina e Cirurgia e uma possibilidade de se abrirem outras faculdades. O que não comportasse na Medicina e Cirurgia, buscava-se em outras faculdades.

AV – Quando você chegou lá que pessoas que você via? Que você se lembra?

JV – Que eu me lembro, que mais marcou nesse momento foi a diretoria do diretório acadêmico.

AV – Quem era?

JV – O Carlinhos, Carlos Alberto Nascimento Santos que era o presidente do diretório, a Eteline que me parece que era vice-presidente. Depois, esse Carlos Alberto teve uma relação comigo muito forte, posso falar disso depois. O Rangel, o Eduardo que a gente chamava de tudo, a Soninha.

DN – Esses eram da (?) da Medicina e Cirurgia?

JV – Do diretório da Medicina e Cirurgia. Então, essas pessoas. Ah! O Luis Maganini também era uma figura marcante. Então, essa diretoria fez essa reunião e transmitiram essa perspectiva e havia a proposta de se montar uma comissão, uma coordenação dos excedentes. Eles, do diretório não participariam, eles achavam que isso tinha de ser uma coordenação exclusiva de excedentes e aquilo que me chamou a atenção e eu apesar de ter uma história de nunca me jogar em movimentos assim, mas aí me deu um negócio de pegar (?) Acho que motivados pelo fato de que poucos de nós estávamos a fim de fazer outro vestibular. Eu acho que uns dos motivos foi esse, uma chance de se conseguir entrar na faculdade sem ter de fazer outro vestibular que era uma mão de obra, talvez tenha sido esse um dos motivos. E aí, eu me apresentei, estava interessado em fazer parte dessa comissão e ao foi montada a comissão e a coordenação. Eu não me lembro exatamente se nesse momento se constituiu assim porque tinha presidente, secretário, tesoureiro, tinha...



DN – Na verdade, se você lembra quem eram as pessoas que formaram essa comissão independentemente dos cargos, da distribuição dos cargos?

JV – Eu me lembro do Francisco Medina, do Francesco, do Guido.

AV – Guida.

DN – Porque o nome dele é José Guida.

JV – Jose Guida é verdade.

DN – Mas, todo mundo chamava de Guido.

JV – O Popó. O Panharelli, Jesus, Soraide, Ney.

AV – Éster.

DN – Mas, lembra que a Éster disse que foi para um acampamento depois que ela voltou. Então, nesses primeiros dias acho que ela não estava. Ela viajou, quando voltou e que ela resolveu ver se estava acontecendo alguma coisa.

AV – Ah é.

JV – Tinha a Sonia Ladera que também participou bastante. Eu me lembro que esse grupo se formou e aí houve divisão de tarefas.

DN – Você integrou esse grupo e tinha mais alguém que também entrou na Medicina e Cirurgia na mesma época que você? Esse Navarro já era (?) e entrou para a Medicina e Cirurgia antes?

JV – Esse nome não é estranho, mas, eu não sei dizer nada a respeito. Não lembro.

DN - E me diz uma coisa antes de avançar. Você lembra no edital do vestibular da Medicina e Cirurgia que em 1968, o governo já tinha proposto uma reforma e aí já estava propondo um vestibular classificatório, ou seja, só passava até o número de vagas que existiam porque até então era um vestibular eliminatório. Você sabe se houve diferença esse ano na Medicina e Cirurgia?

JV – Nessa vestibular que eu fiz ainda foi eliminatório tanto que houve os excedentes. Aqueles que tirassem acima daquele mínimo estava aprovados e tinham direito a vaga. E não tivesse vaga, tinha que arrumar.

DN – Mas, quando você viu o resultado, você sabia disso?

JV – Ah não! Não me ocorreu isso. Foi só esse chamado que.. Se isso constava no edital foi uma coisa que não me chamou a atenção, ia passar. Se eu não vou nessa reunião, eu teria perdido uma oportunidade de acompanhar esse processo. Ou se posteriormente, eu não tivesse tomado contato com o movimento porque o movimento tomou um rumo muito

grande, talvez em um outro momento eu viesse a tomar conhecimento dele. Ou sei lá, correr atrás.

DN – Esse chamado do diretor da Medicina e Cirurgia foi por meio de jornal, foi carta, telegrama? Você se lembra como foi?

JV - Não me lembro.

DN – Porque de alguma forma você tomou conhecimento dessa informação.

JV – Mas, eu não me lembro se recebi alguma coisa em casa. Não me lembro.

DN – Então ta, vamos em frente. Aí foi formada a comissão dos excedentes. Como é que funcionava isso?

JV – Eu me lembro que foram dividas tarefas então a medida em que, se consolidou logo uma situação em que havia uma grande possibilidade de se abrirem novas vagas no ano seguinte para a Medicina e Cirurgia. Quer dizer, havia uma fala do prof. Meireles que a gente acreditou, confiou naquilo. De que abriria, mas que essa movimentação era importante. Tinha que ser feito.

DN – Mesmo na fala do Meireles tinha isso?

JV – Tinha isso. Mesmo para essas vagas que o Meireles dizia que ia sair. A gente confiava na palavra dele, mas, eu achava que a gente tinha que batalhar por elas. Depois se consolidou a ideia de que era possível abrirem vagas em outras faculdades. Mas, a princípio a gente se perguntou: mas, que outras faculdades? Aonde? Sei lá, tinha outras faculdades fora do Estado, mas já eram longe. Aí, que começou a se falar na Sousa Marques porque eu acho que já tinha alguma, algum movimento, alguma movimentação no sentido para que a Sousa Marques se constituísse uma faculdade de medicina, eu não sei. E a faculdade de medicina de Campo Grande. Havia um pedido já no MEC do prof. Rogério Rocco que já tinha apresentado o pedido ao conselho federal.

DN – Ele já tinha apresentado o pedido ao conselho?

JV – Que eu me lembre, já tinha. Isso já estava em andamento, para se construir essa faculdade. O movimento dos excedentes se engajou nessa movimentação que já existia do prof. Rogério Rocco. Que aí, o Rogério Rocco que já era professor da Medicina e Cirurgia, de farmacologia, o movimento já teve contato direto com ele ali na faculdade e isso fez um link com o caminho que ele já estava fazendo reivindicando a abertura da faculdade de medicina de Campo Grande. Então, o movimento de excedentes embarcou nessa canoa aí. E a minha atuação foi mais voltada para a faculdade de Campo Grande. Na divisão de tarefas, eu fiquei mais voltado para a atividades que diziam respeito a criação da faculdade de Campo Grande do que propriamente da Sousa Marques.

DN – E quais eram essas atividades?

JV – Eu me lembro que a gente tinha o movimento das coletas de conta de luz, que era em um programa de televisão do J. Silvestre. Ele fazia uma campanha na televisão pedindo as pessoas que doassem contas de luz e no programa dele havia uma urna grande

que ele mostrava toda a semana aquele recipiente cheio de contas de luz e eu lembro que eu era uma das pessoas dessa comissão que ia no programa. Estava toda a semana lá no programa do Silvestre.

DN – E aparecia na televisão ou ia para recolher as contas?

JV – É, eu ia lá para manter o contato.

DN – Ele anunciava no programa?

JV – É, ele anunciava no programa, mostrava as contas de luz, falava da campanha para a faculdade de medicina de Campo Grande. O Rogério Rocco, o professor, às vezes ia e ele dava entrevistas. Nós, excedentes não. A gente ia lá, mas, ficava no auditório, nos bastidores, acompanhando, mantendo o contato com o programa, com a emissora. A gente achava que não podia perder esse contato porque o programa era um elemento forte na campanha. Porque a televisão divulgava e eu me lembro que eu ia toda a semana. Acho que era na segunda feira. Toda segunda, eu estava lá no programa do J. Silvestre e o Rogério Rocco às vezes ia e se apresentava e falava. Esse era um trabalho e outro trabalho que eu me envolvi muito diretamente foi a constituição de uma biblioteca para a faculdade de medicina de Campo Grande porque se eu me lembro bem, um dos pré requisitos que o MEC e o Conselho Federal de Educação exigia era que tivesse uma biblioteca constituída e tal. Tinha que mostrar isso, não seu quantos volumes. Esse foi um trabalho em que eu me envolvi muito diretamente. A gente montou um grupo de trabalho para montar a biblioteca da faculdade e eu coordenei esse grupo de trabalho. A gente ficava arrecadando livros, revistas.

DN – Quem era esse grupo de trabalho? Você se lembra?

JV – Não me lembro. Mas, era um grupo grande e a gente ia para Campo Grande, lá tinha uma sala e a gente fazia um trabalho de catalogar. Esse grupo trabalhava não só pedindo livros e revistas qualquer publicação da área de saúde e a gente fazia um trabalho braçal de estar catalogando, nome, autor e tal. Já dando um primeiro, a organização de uma biblioteca e isso era um trabalho braçal mesmo, na caneta. Não tinha computador, nada disso. Isso era um trabalho hercúleo porque a gente recebia muito livro, muita coisa mesmo, então era trabalhoso. Mas, era um trabalho que a gente. Eu me lembro que o grupo era muito legal, era um grupo animado porque acreditava que fazendo isso a gente ia conseguir. Todo mundo acreditava, esse era um sentimento assim era generalizado. Não tinha uma pessoa que estivesse envolvida no movimento dos excedentes que não acreditasse no êxito no movimento.

DN – Que não acreditasse que ia conseguir vaga.

JV – Exatamente. Ou na própria Medicina e Cirurgia ou na Sousa Marques ou em Campo Grande. Todo mundo acreditava que ia ter, que o movimento iria conseguir esse objetivo de ter vaga para todo mundo. Então, isso era uma coisa interessante porque o trabalho por mais braçal, por mais penoso que fosse, né? A gente fazia com vontade, todo mundo.

DN – E a (?) braçal das contas de luz, você participou também?

JV – Não muito não.

DN – Porque aí acabou arrecadando montanhas.

JV – É, havia um trabalho de separação. Eu não me lembro se era por valores da conta ou se era por região. Não me lembro. Lembro que havia também um trabalho braçal de separar contas. Mas, eu não sei quais eram os critérios que norteavam essa separação. Mas, tinha alguma coisa ali. Mas, esse trabalho eu não.. Porque quando eu fui assumir esse trabalho da biblioteca, eu me afastei dos trabalhos das contas de luz. Fiquei voltado só para essa coisa da biblioteca.

DN – Agora, de que forma eram distribuídas as tarefas? Tinha uma reunião todo dia, uma reunião sistemática, uma assembleia? As pessoas se ofereciam para assumir uma ou outra tarefa? Como é que era isso?

JV – Eu não me lembro ao certo. A coordenação geral tinha reuniões regulares. Não me lembro assim se era toda a semana ou se era quinzenal. Mas, eram regulares. Cada um falava como é que estava o seu trabalho. Então, nessas reuniões eu dizia como é que estava o andamento da biblioteca. Está assim, estamos com tantos volumes, o trabalho está assim, assado. Cada um prestava contas, vamos dizer assim. Era oficializado para todos como é que estava cada área de trabalho. E ali também a gente via como é que ia continuar dali em diante. Uma coisa que a coordenação fazia muito era de estar sempre chamando gente nova para ingressar nesse trabalho. Até dizendo: olha, nós precisamos de gente porque o trabalho é braçal. Precisamos de gente para fazer isso ou para fazer aquilo. E havia muita receptividade, muita gente ao longo do ano, foi se aproximando, foi chegando, se interessando em fazer parte de alguma frente de trabalho, digamos assim.

DN – Em que momento, você passou a acreditar que conseguiria a vaga?

JV – Desde o começo.

DN – Desde que você foi na reunião lá, convocada pelo (?).

JV – Eu acreditava, quando o professor Meireles dizia que havia uma possibilidade forte, que era grande a possibilidade de conseguir.

DN – Você acreditava para você. Que você conseguiria ou que aquela turma toda de excedentes conseguiria?

JV – Não, eu acreditava que todos conseguiríamos ou na Medicina e Cirurgia mesmo ou em alguma outra faculdade. Aquilo que eu falei. Todos nós acreditávamos que conseguiríamos entrar em alguma faculdade por conta desse movimento, entendeu? Eu não tinha para mim que ia entrar na Medicina e Cirurgia. Isso não! Poderia ser em uma das outras. Eu me lembro que o prof. Meireles dizia da possibilidade de x vagas na Medicina e Cirurgia. Não me lembro de quanto era esse x aí. Mas, assim era um numero razoável e o restante era para batalhar em outras possibilidades. Então, mas eu lembro que nós tínhamos esse sentimento de que íamos conseguir, de que em algum lugar iríamos entrar. Desde o começo.

DN – Você estava falando da crença de que todos tinham de que se iria conseguir. Então, como é que foi? Ao longo do ano de 1969, em um momento ficou decidido. Primeiro, eu queria saber o seguinte: Como é que acabou essa história da faculdade de Campo Grande?

JV – O que ocorreu foi assim. Quando se definiu que as vagas, as novas vagas da Medicina e Cirurgia. Aí foram chamados aqueles número de excedentes que preencheria as vagas. Eu estava nesse número. Eu fui chamado. Quando eu fiz a minha matrícula e passei a não ser mais excedente, parei de atuar diretamente no movimento, entendeu? Eu me lembro que teve um momento em que a comissão de excedentes começou a se reunir não mais no diretório acadêmico da Medicina e Cirurgia e passou a se reunir lá no prédio da Sousa Marques. Passou a se reunir lá. Eu me lembro de que fui a algumas reuniões iniciais, mas já não estava mais.

DN – Você já era aluno.

JV – Já era aluno, exatamente. E todo aquele lado de atuação voltado para a faculdade de Campo Grande, eu me afastei. Eu não sei precisar exatamente em que momento isso foi. Ou em final de 1969 ou começo de 1970. Foi nesse período por aí porque logo começaram as aulas em 1970. Eu já comecei a frequentar as aulas na faculdade. Aí, eu me afastei. Praticamente, (?). Eu acompanhava o movimento meu a distância. Até porque, entrando para a faculdade, passando a ser aluno, logo no primeiro ano, eu já entrei para o diretório acadêmico. E o diretório acadêmico, a nova diretoria que eu entrei já não era mais aquela do ano anterior. Essa seguia a mesma proposta da anterior de manter o apoio aos excedentes até que os últimos excedentes ainda estivessem pleiteando vaga e batalhando por um lugar em uma faculdade. Então, o diretório acadêmico continuou acompanhando o movimento e dando apoio político e tal, no movimento estudantil mesmo da época e manteve contato, apoiando, mas como as reuniões já passaram a ser lá no asilo S. Cornélio, não usando mais o diretório acadêmico. Isso já começa a criar um afastamento. Eu não sei precisar em que mês foi isso, mas foi nesse processo de começo das aulas de 1970. Eu pelo menos já estava me afastando, até porque um dos princípios era de que tinha de ser excedente para estar na comissão. Eu era aluno e não tinha que estar lá. Era uma interferência indevida mesmo.

AV - Me diz uma coisa aqui. A questão dos excedentes era uma questão do movimento estudantil, correto? Você se engaja no DAOC...

JV – Não seu chamava assim. Hum.

DN – Olha só. Sempre se disse que o diretório acadêmico Oswaldo Cruz da Sousa Marques foi exatamente em homenagem ao diretório acadêmico Oswaldo Cruz da Medicina e Cirurgia. Você está dizendo que não era Oswaldo Cruz. Era que nome?

JV – Do diretório acadêmico era diretório acadêmico Benjamim Batista.

DN – Quem era Benjamim Batista?

JV - Não sei.

AV – Voltando a pergunta. O seu engajamento lá no DABB. Você está indo para conseguir uma vaga. Você quer uma faculdade para você estudar, correto? Com tudo, o

seguinte, aquele era um momento de exceção. Você está lutando por uma coisa que é um direito seu, seu por direito. Mas, todo e qualquer manifestação de contestação, de uma oposição ao governo era visto como uma sedição, uma subversão. Como é que você vê essa questão? Vocês não estão se confrontando com o governo, vão estar negociando com ele.

JV – Exatamente.

AV – Como é que você vê essa questão? Vocês, em algum momento, tem contato com o movimento estudantil? Vocês vão para a rua lutar por isso ou não? Como é que é essa questão?

JV – Você lembrou bem aquele momento. A questão da ampliação de vagas fazia parte da pauta do movimento estudantil da época. Isso era, tinha esse lado. Por isso que o diretório acadêmico que era um diretório muito atuante no movimento estudantil tinha essa postura de apóio ao movimento porque estava engajado nessa proposta, nessa reivindicação que era da pauta do movimento estudantil. Apoiava o movimento por aí. Aí é que vem a minha ligação depois. Quer dizer, quando eu tomo consciência dessa ligação. Eu vejo que aqueles diretores, quando eu passo a ser aluno e passo a conviver, continuar a conviver com aquela diretoria e eles me passam com essa convivência. Vamos dizer assim a me apresentar outros temas da pauta do movimento estudantil. Porque é como você falou, o movimento dos excedentes não era um movimento diretamente engajado no movimento estudantil não. Não fazia contestação ao governo e tal e até tinham um certo respaldo do prof. Meireles que era general. Então o movimento se apoiava muito nessa figura.

DN - O movimento dos excedentes?

JV – Isso. Tinha essa coisa que o professor Meireles que era um general médico. Ele dizia que não era um general médico, era general de tropa. Ele era um incentivador do movimento dos excedentes, ele dava uma certa sustentação. Ele estimulava de certa forma que o movimento se desenvolvesse porque abriria vaga lá na faculdade dele. Ele tinha esse interesse também. Isso era uma rua de mão dupla e o movimento se apoiava nisso também. Se o general Meireles era um apoiador do movimento porque é que o governo ia ser contra. Eu me lembro que em alguns momentos vários de nós fomos a Brasília nos reunir com alguns ministros, com o Tarso Dutra na época. Ministro de um governo pesado da ditadura mas, a gente ia lá, falava com o ministro, apresentava as reivindicações, via em que é estavam a liberação das vagas. Era uma negociação mesmo, não havia confrontação. Eu penso que não estava na cabeça das pessoas que compunham a coordenação, essa coisa de contestação. Era um movimento reivindicatório, mas, não contra o governo.

DN – E você comungava dessa posição nesse momento?

JV – Sim, até aí eu não tinha outra posição.

DN – (?) nós só queremos estudar.

JV - Se dizia que nós tínhamos direito. Se tínhamos passado no vestibular e tínhamos direito a vaga, era isso. Mas, era uma coisa que estava dentro da legalidade, que estava

dentro do legal, do permitido então, não era nada. Eu me lembro que essa era a cadência de todos nós, da coordenação do movimento. Isso começa e se modifica em mim, na minha cabeça, depois que eu viro aluno e me é apresentada uma pauta maior do movimento estudantil da época.

DN – Até então, você não sabia? Não tomava conhecimento?

JV – Não tomava conhecimento sim. Tinham as notícias, a passeata dos cem mil, os acontecimentos do Calabouço. Tinham uma série de coisas que estavam acontecendo.

DN - Você foi na passeata?

JV – Fui. Então assim, desses acontecimentos nós sabíamos. Cada um tomava conhecimento de uma forma e era impactado de formas diferentes, né? Então, isso já vai. É claro que isso já vai ficando na cabeça. Em um primeiro momento, a gente não organiza isso de fora racional. Isso vai entrando, entrando e ficando. Depois que eu estava, lá na faculdade, e a diretoria vai saindo, se abre processo eleitoral para compor a diretoria do centro acadêmico e me convidam para uma chapa que vai concorrer e eu aceitei. Eu passo de uma fase de ter conhecimento do movimento estudantil e começar a fazer parte dele mesmo através da chapa que estava concorrendo. Aí que eu começo mesmo a estar mais próximo do movimento estudantil. Eu vou ser tesoureiro do diretório acadêmico logo nessa primeira gestão.

## **Fita 2 - Lado A**

DN - Quando você amplia o escopo de percepção, de entendimento, de atuação do movimento estudantil e percebe que tem outras pautas, outras questões na pauta do movimento estudantil, você passa a ver de outra forma esse grupo de excedentes?

JV – Sim. Aí não tem jeito, é inevitável fazer essa ligação. Porque aquela reivindicação de vagas não é uma coisa só para atender aquele grupo que está reivindicando naquele momento. Aí começa a perceber que isso é um movimento contínuo. No ano que vem vai ter que se fazer um outro movimento, no outro ano também, entendeu? Não é só esse movimento agora. Movimento de excedentes vai ter que se fazer sempre. O que na realidade acabou não acontecendo, mas, o que se pensava é: vamos ter que fazer movimento de excedentes toda vez que houver excedentes, que ocorrer essa situação de excedentes. Não vendo como uma reivindicação daquele momento, mas como um direito de qualquer pessoa que quer ter acesso a universidade.

DN – Mas, eu digo também em um outro prisma. Por exemplo, naquela época, você tinha, as coisas eram muito dicotomizadas. Você tinha os que lutavam pela transformação da sociedade, que eram os revolucionários e você tinha os que lutavam por mudanças na sociedade sem que essa mudança implicasse em uma transformação. Aí eram os chamados reformistas. No caso, o que a gente vê, esse movimento específico de excedentes que acabou criando a faculdade de medicina Sousa Marques, eles lutavam por uma mudança de forma a que tivessem efetivamente a vaga na faculdade, que tivessem a oportunidade de estudar. Não que eles quisessem uma transformação na sociedade. Mas, tem uma, ao mesmo tempo parece que tem um jogo ou um discurso meio duplo ou meio

dúbio. Não, nós só queremos estudar, mas a gente está avançando nesse movimento e tal. Imagina o seguinte: como é que você passou a ver esse movimento de excedentes que acabou criando a Sousa Marques. Que saiu lá do vestibular da Medicina e Cirurgia?

JV – Como é que eu vi esse movimento daquele ano?

DN – Sim, esse movimento especificamente.

JV - Minha percepção é que era um movimento despolitizado nesse sentido. Eu também era depolitizado naquele momento. Despolitizado no sentido em que não tinham nenhuma ideologia, nenhuma formação política prévia, né? Estávamos todos ali realmente pleiteando vaga para estudar. Mas, eu só vou ter consciência disso depois, né? Depois já em um contato mais próximo com o movimento estudantil mesmo. Esse contato com o diretório acadêmico foi fundamental nisso. Eu começo então a rever essas coisas. O que era um movimento mais engajado. Com uma proposta mais avançada de movimento estudantil mesmo. Mas, evidente que tinham elementos que logicamente faziam a interface com o movimento mais amplo. Mas, isso eu só fui perceber depois. Agora, o que eu estava falando antes. Vai começando a vir aquela coisa, aquela formação de que aqueles elementos daquele movimento que tinham relação com uma visão mais ampla, da continuidade, do que é um movimento para se ampliar vagas e se ampliar vagas nas faculdades públicas. Tinha essa, vamos dizer essa visão de que o governo tinha que garantir vaga nas faculdades públicas, gratuitas.]

DN - Mas, vocês estavam pleiteando uma faculdade em Campo Grande que era particular!

JV – Não digo assim. A pauta do movimento estudantil maior era essa. Então, em um segundo momento, quando eu já era aluno e já estava participando do diretório acadêmico, entendeu? A pauta do movimento estudantil era muito mais ampla, mas, que incorpora movimentos pontuais como o de 1969. Não sei se você está entendendo?

DN – Não, entendi. E essa questão, quer dizer, na hora. Como movimento ainda despolitizado. Como você integrante desse movimento também ainda despolitizado, na hora em que pleiteia a faculdade de Campo Grande que seria uma faculdade privada. Ocorria essa questão do público e do privado?

JV – Não. Nesse momento, nós queremos estudar, não importa aonde. Nesse momento era isso. Esses excedentes queriam entrar em alguma faculdade. Claro de preferência na Medicina e Cirurgia que era de graça. Mas, se não pudesse ser aí e fosse em uma outra.

AV – Quando muda?

JV – Quando o movimento muda? Aí, eu não sei te dizer. Eu sei quando eu mudo. Porque, quando eu mudo, já não estou mais no movimento dos excedentes, entendeu?

DN – Eu perguntaria também, em relação a sua mudança. Você dizia assim. Entrei para a Medicina e Cirurgia e no primeiro ano da faculdade já, você se tornou tesoureiro do diretório acadêmico. Ou seja, foi muito rápido. A coisa foi assim bruscamente ou na hora em que você estava lá no movimento dos excedentes, você já estava em um processo de ser cooptado, digamos assim?



JV – Sim, é possível que já estivesse no caminho dessa cooptação, mas sem ter consciência disso. Essa é que é a questão. Como é que eu fui saber disso? Porque em um outro momento lá na faculdade, o pessoal do diretório acadêmico que aí eu já tinha amizade. Aí, eles verbalizavam isso. Que desde o movimento anterior, eles já observavam porque claro, eles eram militantes de esquerda engajados. Tinha aquela coisa de recrutar pessoas novas para o movimento então, eles observavam pessoas da liderança do movimento dos excedentes. Quem, de alguma forma, percebiam que valia a pena, chamar, conversar, recrutar. Fazer uma militância mais direta. E depois em conversas informais, eles diziam que observavam em mim essa possibilidade. Então, quando eu entro e me matriculo e tal. Aí, a turma da qual eu fazia parte no primeiro ano, muitos eram excedentes, então eu já tinha uma convivência muito próxima, de uma certa liderança por ser da coordenação e tal. Isso foi uma certa facilidade quando se discutiu na turma quem iria ser representante de turma, né? Quem a turma pensa primeiro? Vem a mente aqueles que estava na liderança do movimento dos excedentes. Então, quem vai ser representante de turma? Eu e a Sonia Ladeira.

DN – E o que você fez com a timidez?

JV – A timidez foi embora, não sei como. (risos) Foi embora a timidez. Eu não era tão solto assim não, tinha algum grau de timidez, mas já não era tão tímido para enfrentar situações. Claro, porque tinha que ir a Brasília falar com o ministro. Se você for tímido e chegar na cara do ministro e não falar nada. Aí, você tem que ir lá no programa do J. Silvestre para falar com ele, entendeu? Você tem que ir lá e falar o que você quer, entendeu? Tinha essa responsabilidade. (?) não consigo fazer, eu não dava conta das tarefas. Foi um exercício que foi a prática que determinou. Não foi nada. Eu não me preparei, não dá para se preparar para isso. Como é que eu vou falar com o ministro? Não dá, o que sair, saiu e na faculdade. Como eu estava dizendo. Saíram os primeiros representantes de classe, saí eu e a Sonia Ladeira. Não me lembro mais quem. As majorias dos representantes de classe nesse primeiro ano éramos nós, praticamente. Porque tinha essa história e primeira lembrança a turma vai eleger quem. Esse foi outro exercício porque você é representante de turma e tem que ir lá, falar com o professor, com a classe. Tem que enfrentar. Aí, eu vou para a diretoria do diretório acadêmico. Viro logo, tesoureiro. Logo o pior. Acho que ninguém queria e sobrou logo para mim, coitado. O calouro. Então, peguei essa bucha e tinha também aquela coisa de ter que negociar com o diretor da faculdade, com o prof. Meireles que era o presidente da federação. Essa responsabilidade, obrigação de cumprir essa tarefa por ser representante eleito, isso você vence a timidez ou não vai conseguir fazer isso. Esse exercício foi muito importante para mim. Isso foi fundamental para mudar a minha vida dali para frente, né? Para ter, forjar mais claramente uma posição política-ideológica e assim um entendimento do que era ser estudante de medicina e do que era vir a ser médico. Aí que começa realmente um processo mais consciente, paulatino. A partir daí mesmo, a clarear o que é isso. A vivência com o movimento estudantil, e obrigação de cumprir tarefas por ser representante de classe, de ser do diretório acadêmico e aí no momento seguinte veio o processo de recrutamento para uma vida mais militante. Aí esse grupo que estava na diretoria do diretório acadêmico era um grupo ligado ao Partido Comunista Brasileiro, PCB. Isso na época, o movimento estudantil fervilhava muito essa coisa das posições do PCB, PC do B e vários outros grupos menores, mas, que tinham influência no movimento estudantil e aí com a proximidade desse grupo que era do PCB, eu vou entrar no PCB já no primeiro ano da faculdade. Então, é outra situação de vivência que vai forjando também essa concepção mais política ideológica daí para frente. Estar atuando no PCB ainda

inicialmente sem muita clareza do que é ser um militante do Partido Comunista Brasileiro porque quando a gente entra, entra assim vai aprendendo muita coisa. Ninguém entra em um partido desse, quer dizer, ninguém, não sei, mas comigo não foi assim. Eu entrei sem saber muito bem o que era aquilo, mas aquilo me atraía de alguma forma porque me apresentava teses, documentos e eu via essas pessoas se posicionando no movimento estudantil, né? Nas assembleias, eu ia e via como as pessoas se posicionavam. A posição de a e de b, dos diversos partidos e eu comecei a ter mais afinidade mesmo com aquela linha do PCB.

DN – Você acha que se esse grupo dos excedentes tivesse, essa comissão da luta dos excedentes tivesse se engajado em algum partido, em alguma organização de esquerda teria atrapalhado o movimento? Esse movimento especificamente.

JV – Esse movimento especificamente eu acho que sim. Eu acho que sim porque a maioria das pessoas, todos nós dessa coordenação deste movimento não tínhamos nenhuma formação política. Se engajar em um partido ou em uma organização clandestina naquela época. A situação era muito polarizada. Ou você era contra a ditadura ou era a favor da ditadura. E você contra a ditadura quase que obrigatoriamente você tinha que ser clandestino. (?) Havia muita gente que era contra a ditadura e até militava de alguma forma, mas militar com uma.. vamos dizer militar respaldado em uma ideologia de esquerda tinha de ter estar obrigatoriamente em uma organização clandestina. Eu acho que isso talvez atrapalhasse o movimento. Eu acho que pelas condições objetivas dos movimentos. Agora, eu acho que foi importante que o movimento estudantil, que aí, sim, tinha a sua militância de esquerda, apoiasse o movimento dos excedentes. Eu acho que isso foi fundamental. Foi importante, mas, não foi o suficiente para atrapalhar o movimento. Por quê? A ditadura nunca poderia dizer, como nunca pode dizer em momento algum que algum dos líderes do movimento dos excedentes era do partidão ou era do PB do B ou era da POLOP. Podia levantar a ficha porque todo mundo ali era limpo.

AV – Não eram subversivos.

JV – Não eram subversivos. Não tinha por que prender a liderança do movimento dos excedentes. Ninguém corria o risco de ser preso ou torturado. Ninguém corria esse risco que era o risco que corriam os outros militantes.

DN – Tinha a ameaça, mas, não tinha o risco concreto.

JV – Eu acho que tinha.

DN – Que dizer o sentimento de ameaça.

JV – Eu não acho que tinha o sentimento de ameaça. Era perceptível por algumas pessoas da coordenação que existia uma certa vigilância do regime sobre o movimento. Havia um certo, acompanhava. Acompanhava aquilo para que não saísse dos trilhos. Havia na cabeça de algumas pessoas. Até de certa forma alertada por pessoas do diretório acadêmico que talvez existisse essa coisa de vigilância, um certo monitoramento. Qualquer movimento, de trabalhador, de estudante naquela época a ditadura monitorava. Até para comprovar: é, nesse aí não tem nada. Então, era claro. Quer dizer, hoje eu falo isso com toda a certeza disso, na época eu não tinha certeza. Hoje eu falo, a gente que viveu aquele período sabe que tudo era monitorado pela ditadura. Não tinha um

movimento que não fosse vigiado. Movimento de artista era vigiado. Juntou mais de três pessoas, virou comício. Então, é claro que era vigiado. Na cabeça de algumas pessoas havia isso, mas sem precisar muito. Havia desconfiança de algumas pessoas que estavam no movimento dos excedentes serem ligados a algum aparelho de repressão e que fosse uma das formas de estar vigiando o movimento. Havia essas desconfianças assim. Mas, como no fundo todos sabíamos a natureza do movimento, ninguém tinha medo de ser preso. Eu pelo menos, não tenho lembrança nenhuma de alguém que tenha verbalizado alguma coisa mais contundente de que estava sendo ameaçado. Eu pelo menos, nunca fui ameaçado de nada, nunca e não me lembro de ninguém ter verbalizado qualquer coisa sobre isso.

DN – Muito bem. Agora a gente gostaria de saber de você. Uma coisa que você já tocou. O que é ser médico para você?

JV – (risos) Olha, ser médico já mudou muita coisa. Aquele ser médico que eu pensava. Aquela figura daquele médico não existe mais, já mudou.

DN – Quando você se formou ainda existia daquela forma?

JV – Não, não. Não tinha mais. Pode ser até que existisse, mas, não mais na minha cabeça como o médico que eu queria ser. Eu já não queria ser mais aquele médico.

DN – Você queria ser qual médico?

JV – Médico de saúde pública, médico sanitaria. Quando eu me formei, já formei com a visão de ser médico sanitaria. Claro que eu fui exercer a clínica por contingência. Aí, o que ocorreu. Eu comecei a exercer a clínica. Não consegui emprego aqui no Rio de Janeiro. Emprego público é claro por conta da militância no PBC, enfim. Quando eu me apresentava, eu trabalhava um mês, dois meses e aí vinha uma.. O chefe chamava: olha Solano, não vai dar para você continuar porque você está em uma lista. Não vai dar para você ficar, infelizmente. Era a tal lista negra. Pensei em vir para a Fiocruz. Tentei, fiz uma entrevista, mas não consegui. Até que a pessoa que me entrevistou, me falou reservadamente. Seu nome não dá. Quer dizer, eu não consegui emprego no Rio de Janeiro. Por isso que eu fui para São Paulo. Davi Capistrano, que foi estudante que eu convivi no movimento estudantil e se formou uns 3 ou 4 anos antes de mim. Por uns 2 anos, eu convivi com ele no movimento estudantil. Como ele estava em São Paulo. Ele era do PCB também e nós tínhamos a relação partidária. Aí, ele me chamou. De alguma forma, ele ficou sabendo que eu não estava conseguindo emprego. Ele entrou em contato comigo e me chamou para ir para São Paulo para trabalhar lá. Ele me arrumou um emprego no Vale da Ribeira e o Davi nessa ocasião era um dos diretores da regional de saúde do Vale da Ribeira. Então, ele me falou que tinha uma vaga no município de Iguape, que era da região dele. Uma vaga para ser médico da colônia de pescadores de Iguape. Você topa? Eu disse: é claro. Preciso de emprego e fui de mala e cuia ser médico de Iguape. Comecei a trabalhar lá e no ano seguinte. Isso foi em 1977. Me formei em dezembro de 1976. Foi essa correria para conseguir emprego. Fui para Iguape. Fiquei lá até 1978. Aí, abriu concurso para médico clínico da secretaria do Estado de São Paulo. Aí, eu fiz essa prova para ser médico da secretaria de São Paulo. Como naquela época, a ditadura não tinha as ligações que teve depois. Então, os comunistas do Rio não eram conhecidos pela ditadura em São Paulo. Meu nome não constava em nenhuma lista negra do estado de São Paulo, então eu pude fazer o concurso para ser médico de lá.

DN – Não tinha as redes informatizadas (risos).

JV – Não tinha. O Davi estava lá embora o Davi fosse uma figura comunista pública, desde o pai dele da mãe. Lá não era proibido entrar no serviço público. Aí, eu fiz o concurso e entrei. De Iguape eu passei para (?) que era uma cidade na mesma região. Aí, eu comecei a ser médico em (?). Depois abre a possibilidade de fazer o curso de especialização em saúde pública na Escola de Saúde Pública da USP. Eu fiz a prova para lá e era o que eu queria. Eu queria ser sanitarista. Então, o Davi mais uma vez me avisou que ia ter o curso. Eu logo me inscrevi porque teve o concurso para fazer o curso. Fiz o curso e depois de terminado o curso faço uma prova para ser médico sanitarista do estado de S. Paulo. Fiz essa prova, passei.

DN – Isso já foi no início de 1980?

JV – Isso foi em 1979, 1980.

DN – Então 1980.

JV – Se você está me falando, é porque foi. Não, eu fiz o curso de especialização em 1978. 1979 eu fiz a prova para o estado. É, 1979. Aí, eu virei sanitarista do Estado de S. Paulo. Fui para a regional de Marília. O meu primeiro lugar de trabalho como sanitarista foi no Centro de Saúde de Oriente que é na região de Marília. Fiquei lá em Oriente e depois sempre aquela coisa de me aproximar do Rio de Janeiro de novo. Eu queria estar vindo para o Vale do Paraíba. De Oriente, eu acabei vindo trabalhar na região do Vale do Paraíba e eu estou lá até hoje.

DN – E ser médico sanitarista foi o que você imaginava?

JV – De certo modo sim e de certo modo não. Porque em principio.

## **Fita 2 - Lado B**

JV - (?) o que eu iria trabalhar envolvido com as doenças, com as epidemias, as vacinas. Essa área aí. Mas, eu fui vendo. A vertente que eu fui mais levado, não era essa. Não era esse, vamos dizer a pauta dos médicos sanitaristas naquele momento. Era construir uma nova forma de se organizar os serviços de saúde no país. Era essa a pauta. E aí, aquela coisa de ser médico de saúde e de cuidar das doenças da coletividade, da população já não se apresentou muito para mim. O ser médico sanitarista da rede de saúde do estado de S. Paulo implicava que eu fosse e todos nós médicos sanitaristas de lá, fossemos dirigentes das unidades de saúde. Então não íamos para campo atender. A gente ficava muito voltado para a área administrativa, né? De lidar com as questões burocráticas, de organização do serviço. Com as questões dos funcionários, dos trabalhadores da unidade. Então, todo esse universo, e a gente tinha de dar conta disso. E ao mesmo tempo coordenar equipes. Tinha que dar conta disso também. Da parte técnica de dar vacinação. De como é que o pediatra está atendendo discutir com ele o programa de hanseniose, de tuberculose e dar conta disso e eventualmente estar atendendo porque em muito momentos dessa fase, eu atendia doentes. Pacientes com tuberculose, com hanseniose. Eu fazia pré-natal porque.

Quando eu estava em Miracatu, em Oriente, atendia muito porque tinham poucos médicos na unidade e não era dia do ginecolista obstetra estar lá e eu atendia, fazia pré-natal. Eu atendia hanseníase, atendia tuberculose. Então, tinha essa parte, da prática médica com o paciente.

DN - Mas, bem menos.

JV – Bem menos. A gente tinha de dar conta da função do médico sanitарista do estado de S.Paulo era voltada para a organização do serviço. E a pauta do movimento político dos sanitарistas, do qual nós fazíamos parte era a de organizar uma nova forma de organizar os serviços de saúde porque aí vem a questão da reforma sanitária que já se falava, já se discutia essas coisas. Então, era essa pauta. Para mim, era ótimo porque a formação política mais militante de organização clandestina. Então, essa coisa mais política era muito vivo. Então, juntar a função profissional com a política para mim era ótimo. O que eu podia exercer profissionalmente, mas com visão política e sendo um militante político na função profissional para mim era juntar o útil ao agradável. Isso para mim era o ser médico sanitарista. É uma função que não tem como ser vista, não sendo política. Não tem como você ver um médico sanitарista sem ser um ser político. Não como cidadão, porque como cidadão todos nós somos. Mas, como profissional. Não tem como.

DN – Muito bem. Alguma questão mais. Não esqueceu de nada não.

AV – Não. Não sei se cabe muito para ele. Você vê a criação da Faculdade de Medicina Sousa Marques como contribuindo para ampliação do ensino médico privado ou não?

JV - Penso que sim. Porque essa consciência mais clara do público que eu vim a ter depois e até hoje eu tenho. Eu acho que o governo tem que prover a educação pública e gratuita. É nisso que eu acredito. Que é a luta que a gente tem que manter. Não vejo que seja caminho o privado. Eu sou o ser público, um ser do público e para o público. A minha consciência política e profissional é do público. Eu nunca trabalhei no setor privado. Nem pretendo. Porque a minha cabeça é pública. Eu acho que o estado tem que prover educação, saúde. Isso tem que ser. Não é só público, para mim tem que ser estatal e gratuito com livre acesso a todas as pessoas que queiram ter acesso a universidade, ao ensino em todos os graus. Até pós-universidade. Quem queira isso, o estado tem que prover.

AV – Fala um pouquinho mais sobre essa relação entre medicina sanitária e política. Você vem dizendo que são coisas indissociáveis. Fale um pouco mais disso. Gostei disso. Saúde pública e política são coisas indissociáveis para você. Por quê?

JV – Por quê. Quer dizer, quando a gente fala saúde pública, é pública. Utilizar ferramentas públicas que são construídas a partir dos desejos ou a partir do universo da população. Para você organizar serviços, seja de saúde, seja de educação, seja de qualquer área que dêem conta daquilo que é o desejo ou o interesse da população. Como isso é uma coisa que é função proveniente do estado. Não tem como dissociar isso. Como é uma coisa inerente ao estado quem milita na saúde pública, não deixa de ser a gente do estado porque para fazer isso tem que ser agente público, a gente do estado a serviço do que é público, da população, das comunidades. Então, não tem como dissociar, não tem como não ser político.

DN – Que dizer, você ser sanitarista tem que pensar politicamente?

JV – Não tem como. Eu não consigo ver. Dissociar isso. Se você vai organizar serviço. Se você vai propor um trabalho. Você vai fazer isso porque você vê, você percebe de alguma forma ou você é chamado a atenção de alguma forma pela comunidade, pela população ou por um grupo de pessoas, enfim. O que é dessa esfera que chama a atenção de você por uma demanda ou por uma necessidade. É em função disso que você vai pensar em como você vai atuar como agente público, como um a gente do estado que tem que dar conta daquilo, dessa demanda. Como é que você vai se mover nisso aí? Vai se mover a partir daquilo, de quem está te chamando a atenção que é o povo, o público. Está aqui essa situação, precisa dar conta disso. O estado precisa dar conta disso. Precisa se criar mecanismos e esses mecanismos não podem ser criados de cima para baixo porque algum iluminado sanitarista ou algum governante está lá e ele tem a solução para dar conta daquilo. Não. Vamos ver lá com aquela população que está demandando aquilo. O que tem ali e que ferramentas que já tem ali e que possam serem trabalhadas com eles e como eles mesmo possam ser elementos de construção da solução para aquilo ali que eles estão demandando. E aí, é mão dupla. Dali saí. É ali que nós a gentes públicos vamos buscar as ferramentas para construir alguma maneira de dar resposta aquilo. Então, portanto, essa ação que é obrigação do estado prover e que é exercida, não por uma figura abstrata estado, mas alguém vai fazer, algumas pessoas. Então, esses a gentes, essas pessoas tem que estar construindo isso a partir daquela realidade que nós está chamando. Então assim. Não tem como. Eu não consigo ver como é que um sanitarista pode se mover nesse ambiente sem estar pensando politicamente como é que aquela comunidade está organizada ou como está desorganizada, né? Porque ela está desorganizada? Porque que ela está ali naquele ambiente? O que ela fez para mudar aquilo? Se ela quer mudar? Ou se ela não mudou até agora, se não fez nada para mudar o que elementos impediram ou que elementos que favorecem a mudança; Aonde é que eu posso entrar ali, para ajudar. Se ela quer mudar também porque tem situações que você percebe que não quer mudar. Tem grupos que não querem mudar. Não quer mudar porque não ainda percebeu a necessidade de mudança. Em algum momento isso vai acontecer, de alguma forma. Enfim, não dá para se mover nesse universo se o sanitarista não for político.

DN – Certo. Então, dr. Celano a gente queria agradecer a sua contribuição.

JV – Eu que queria agradecer (risos) Eu quero que fique registrado o agradecimento porque foi muito legal. Até lembrar essas coisas é bom. Lembrar pessoas, lembrar fatos. Porque, na verdade a gente está lembrando a vida da gente mesmo. E coisas da vida da gente que nem estávamos pensando muito mais. Eu falei coisas aqui sem muita lembrança delas. Buscando agora, falar alguma coisa. Talvez tenham muitas imprecisões aí. Tem que relevar aí algumas coisas. Mas, vocês vão cotejar aí com outras para chegar a uma coisa mais próxima do que foi a realidade. Mas, foi um exercício de lembrar agora muitas coisas. Foi legal, lembrar a vida do meu pai e de alguma forma me ajudou a ficar mais claro as ligações de alguns momentos da minha vida que talvez estivessem meio soltos, sem uma ligação direto uns com os outros. Mas, aqui hoje nessa conversa, eu liguei. E vocês me chamaram a atenção ao perguntar algumas coisas para esses aspectos assim. Tive de falar de coisas que eu não ligava com outras e agora na conversa, eu liguei. Eu que agradeço, obrigado. (risos).